



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v14.1110>

## O apagamento das identidades judaica e feminina: Uma leitura dos prefácios da coleção *Os Pensadores*

*The erasure of Jewish and feminine identities: A reading of the prefaces to the collection Os Pensadores*

Lucio Marques<sup>1</sup>

Ícaro Uriel Brito França<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste estudo é analisar o motivo do apagamento da identidade judaica em autores que são lidos e discutidos no Brasil, dentro do campo educacional. Realiza-se uma análise panorâmica dos prefácios dos livros da coleção “Os Pensadores”, a qual reúne algumas das principais obras da história da Filosofia, procurando se há referência da origem e identidade judaica de seus autores. Também serão analisados os textos que abordam temas ligados ao judaísmo e como os judeus são representados nesses. Também será abordada a não existência de mulheres junto aos pensadores escolhidos para compor o compêndio filosófico. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e exploratória com revisão bibliográfica. Os resultados enfatizam a compreensão da ideia de um antissemitismo difuso presente na Educação Brasileira.

Palavras-chave: Identidade judaica. Mulheres. Os pensadores. Antissemitismo difuso.

### Abstract

The aim of this study is to analyze the reason for erasing the Jewish identity of authors who are read and discussed in Brazil, within the educational field. A panoramic analysis of the prefaces of the books of the collection “Os Pensadores” is carried out, which brings together some of the main works in the history of philosophy, looking for references to the Jewish origin and identity of these authors. Also, texts that address issues related to Judaism and how Jews are placed in them will be analyzed. Also, it will be approached about the non-existence of women among the thinkers chosen to compose the philosophical compendium. This is research with a qualitative and exploratory approach with technical and

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia - PUCRS. Professor na Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
E-mail: [lucio.marques@uftm.edu.br](mailto:lucio.marques@uftm.edu.br); Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-7571-0977>

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro/UFMT.  
E-mail: [uriel.icaro@gmail.com](mailto:uriel.icaro@gmail.com); Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7013-0968>

bibliographic procedures. The results emphasize the understanding of the idea of a diffuse anti-Semitism present in Brazilian Education.

Keywords: Jewish identity. Women. The thinkers. Pervasive antisemitism.

O presente artigo propõe realizar uma análise sobre o maior compêndio filosófico já produzido no Brasil, que é a coleção “Os Pensadores”. Essa coleção possui grande importância nacional, pois foi desenvolvida para facilitar o acesso dos brasileiros a textos e obras de pensadores relevantes à Filosofia. Inclusive, alguns textos foram traduzidos para o português a partir dessa obra, sendo a mesma um grande esforço para trazer conhecimentos filosóficos, produzidos ao longo da história humana, para os brasileiros. Todavia, há um apagamento da identidade judaica de autores incluídos na coleção como, por exemplo, Baruch Espinoza, Sigmund Freud, Karl Marx e Karl Popper. Assim, será realizada uma análise sobre esse fato, priorizando compreender o porquê desse apagamento até mesmo nos prefácios.

Além disso, será analisado por qual motivo nenhuma mulher de relevância à Filosofia como, por exemplo, Simone de Beauvoir e Hannah Arendt, foi incluída junto aos nomes escolhidos para compor o compêndio, nem mesmo nas edições posteriores à primeira edição publicada de “Os Pensadores”, estando até hoje, a coleção, com uma totalidade de autores homens. Isto posto, este artigo trará análises de assuntos referentes ao objeto de estudo, que seria a coleção “Os Pensadores”, buscando compreender algumas especificidades da mesma, que muitas vezes passam despercebidas às vistas da maioria.

## **1 O apagamento da identidade judaica**

Primeiramente é importante discorrer sobre o termo identidade. Para Mezan (1987), identidade traz a ideia de idêntico, semelhante e para reconhecer tais semelhanças inevitavelmente cai-se na ideia de diferença. Assim, o termo traz consigo a possibilidade de separar diferenças e juntar os iguais. Identidade possui um caráter contrastivo, trazendo até mesmo um teor de oposição, possibilitando a análise de grupos em relação a outros, num processo de identificação e autoconhecimento, sendo um conceito estratégico e posicional, passível de

historicização radical, num contínuo processo de mudança e transformação (HALL, 2000).

Surge, então, a ideia de pertencimento a um grupo, trazendo o sentimento de “nós”, uma inclusão grupal ou coletiva. E isso tem sido presente junto aos judeus desde sua organização como um povo, desde a época dos antigos hebreus. Também, caso dos judeus, a diferença em sua construção identitária não se mostra apenas entre as diferenças dos mesmos em relação aos não judeus. Ocorre ainda, em relação aos diversos grupos de judeus, que possuem suas singularidades religiosas, ideológicas, políticas e de origem nacional ou regional, na construção de sua identidade étnica plural (GALINKI, 2008).

No Brasil, há autores que colocam a não necessidade de lealdade unívoca de seus habitantes, qualquer que seja a origem nacional ou religiosa, colocando-se aberta a integração e assimilação (RATTNER, 1997). Todavia, na prática a ideia torna-se bem diferente. Anos, séculos de história e identidade judaica foram apagados no Brasil. Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII várias levas de cristãos novos (judeus convertidos a força ao cristianismo, fugindo da Inquisição) chegaram em terras brasileiras, buscando na camuflagem de uma identidade cristã uma forma de proteção e mescla junto à sociedade. Apenas com a chegada da Corte Portuguesa em 1808, com a concessão de certas liberdades de culto religioso diferentes do catolicismo, e a Constituição de 1824 que trouxe isso em forma de lei, houve diminuições às perseguições e ao apagamento da identidade judaica. Todavia, o antissemitismo seguiu de forma difusa, havendo quase que um apagamento da história judaica no Brasil, além do apagamento da identidade judaica de muitos autores, escritores e pensadores que são estudados dentro das escolas e instituições superiores no país.

Novinsky em *Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história* (2015), ao apresentar um vasto e rico compilado sobre a importância dos judeus e cristãos novos no Brasil, além de uma preocupação com a pesquisa histórica sobre o tema, colocou a seguinte frase na apresentação da obra: “Este livro é dedicado aos jovens”. Nota-se, assim, até mesmo junto ao meio acadêmico, uma preocupação de maior acessibilidade do tema junto à escola, que por décadas tem visto um apagamento de conteúdos, além da escassez de materiais que abordem o assunto.

Também o contexto sócio-histórico da década de 1970 no Brasil, turbulento e paradoxal, em que se cerceava a liberdade, traz uma conexão importante para o surgimento da primeira grande biblioteca filosófica nacional. A partir de 1972, a coleção “Os Pensadores” passa a ser distribuída através de bancas de jornal, além de livrarias, dando acesso à mesma não somente ao público especializado, mas também ao grande público, ultrapassando ~~esta~~ os muros da academia. Assim, a referida coleção passa a ser a mais referenciada e citada em pesquisas científicas e artigos acadêmicos em Ciências Humanas e Sociais, sendo reeditada de várias formas, passando por muitas alterações e adaptações, sendo sua estrutura, até hoje, copiada por muitos projetos editoriais (GOMBERG, 2017).

A coleção “Os Pensadores” traz obras e textos de grandes autores do pensamento ocidental. Foi publicada originalmente pela editora Abril Cultural, entre os anos de 1973 e 1975, sendo formada por 52 volumes, incluindo mais 4 volumes adicionais com um resumo de vida e obra de cada autor. Com muitas traduções inéditas para o português, mas sem simplificar de forma grosseira a linguagem dos autores, era tida primeiramente como uma coleção filosófica, sendo considerada ainda para muitos o maior compêndio filosófico publicado no Brasil. Porém, não restringe seu conteúdo apenas a cânones filosóficos.

Há autores nela englobados que, mesmo não sendo filósofos, dialogam bem nesse campo, como é o caso de Dante e Malinowski. Dante é um poeta e escritor, porém, em sua obra, podem ser notadas reflexões filosóficas, sendo essas influenciadas pela filosofia de São Tomas de Aquino, como coloca Danilo Marcondes (GOMBERG, 2006). Porém, um ponto interessante a ser notado é que os autores incluídos nela e que possuem origem judaica não têm a origem citada nos prefácios. Casos como Baruch Espinoza (filho de uma família de judeus que foi obrigada a fugir de Portugal devido à Inquisição), Sigmund Freud (filho de pais judeus que moravam na cidade morávia de Freiberg, no antigo Império AustroHúngaro), Karl Marx (vindo de uma família de origem judaica de classe média da cidade de Tréveris, no Reino da Prússia, porém seu pai converteu-se ao protestantismo) e Karl Popper (oriundo de uma família de classe alta de origem judaica secularizada) são exemplos disso.

Além disso, há nomes selecionados para integrar a coleção que possuem textos icônicos que abordam temas sobre os judeus, porém não foram colocados

para integrar a coleção. Exemplo disso é o caso de Jean-Paul Sartre, que possui um texto famoso a respeito do tema, intitulado *A questão judaica* (de 1944), que foi aparecer apenas em edições mais posteriores, sendo que inicialmente, na primeira edição, foram contemplados apenas seus textos: *O existencialismo é um humanismo* (de 1946), *A imaginação* (de 1950) e *Questão de método* (de 1957).

É interessante notar que, apesar de Sartre não possuir origem judaica, o texto de sua autoria que aborda temas ligados ao judaísmo foi o escolhido para compor a coletânea sobre os pensadores. Destaca-se que o referido texto discorre muito pouco a respeito da questão judaica e dos judeus, visto que, na época em que a coleção foi lançada, o mundo estava vivendo o contexto da Guerra Fria.

Sartre divide o texto em partes. Primeiramente aborda o antissemitismo como uma totalidade sincrética, descrevendo a totalidade, com enfoque no antissemitismo ou no indivíduo preconceituoso. Posteriormente, conceitua o judaísmo como situação, com poder compreendê-lo melhor. E, ao final, traz possibilidades de ações coletivas e políticas para combater o antissemitismo, em prol do combate efetivo ao preconceito. E, como ações urgentes e necessárias, coloque que o destino de apenas um indivíduo pode colocar a segurança de todos em risco e que a segurança de todos estará em risco enquanto um único judeu continuar temendo por sua vida (SCHMIDT, 2005).

É importante notar que, apesar de Sartre não ser de origem judaica, esse sofreu com nazismo durante a Segunda Guerra Mundial servindo o exército francês como meteorologista e preso pelo exército nazista de 1940 a 1941. Posteriormente fez parte da Resistência Francesa, quando construiu sua amizade com Albert Camus, franco-argelino, de origem mulçumana (que sofreu na infância com o neocolonialismo, com o antissemitismo em relação aos povos árabes e com a xenofobia), autor da obra *O Estrangeiro* (de 1942).

Ainda, quando os judeus são citados como, por exemplo, nas *Confissões* (de 400) de Santo Agostinho, na *Súmula contra os gentios* (escrita entre 1259 e 1265) de São Tomás de Aquino, no *Leviatã* (de 1651) de Hobbes, na *Carta acerca da tolerância* (de 1689) de John Locke, em *A vida* de Pascal de Blaise Pascal (século XVII), em *O espírito das leis* (de 1748) de Barão de Montesquieu, em *Senso comum* (de 1776) de Thomas Paine e em *A democracia na América* (de 1835) de Alexis de Tocqueville, os judeus são referidos a uma ideia bíblica, muitas vezes permeados por

uma mística e moral crista. Além disso, os judeus são relacionados à ideia de economia, ao acúmulo de riquezas e ao capital. Hegel também traz a ideia de judeus aproximando-os dos turcos otomanos e de outros povos, colocando as diferenças desses em relação aos cristãos. Nos *Ensaio*s de Montaigne, entretanto, há uma abordagem breve sobre a perseguição e expulsão dos judeus da Espanha. Através dessas obras, portanto, podemos notar que os judeus são retratados ou dentro de uma história bíblica, muitas vezes com tendências cristãs nessas abordagens, ou abordando a perseguição do povo judeu ao longo da história da humanidade.

No texto de Voltaire (1973), intitulado *Cartas inglesas*, há uma passagem que ilustra bem o conflito entre judeus e cristãos: “Os judeus sempre esperaram um libertador, mas para eles e não para nós. Esperam um Messias que os tornará senhores dos cristãos, e nós esperamos que o Messias reúna, um dia, judeus e cristãos. Pensam exatamente o contrário de nós (pag. 54).” Isso posto, observa-se que as passagens colocadas na Coleção “*Os Pensadores*”, referentes aos judeus, limitam-se apenas a temas específicos, além de não ser abordada nos prefácios a origem judaica dos pensadores que a possuem. Assim, um questionamento surge: essa organização foi de maneira consciente? E mais: por que nomes como Hannah Arendt ou Simone Weil, grandes nomes da filosofia no século XX, ambas de origem judaica, não foram incluídas junto às novas edições da coleção? E ainda: Kabengele Munanga, em “*As antiguidades do racismo à brasileira*” (2017), diz que o racismo opera de forma difusa, sutil, evasiva, camuflada, silenciado em suas expressões e manifestações, todavia eficiente em seus objetivos. surgindo a ideia de um racismo difuso. Será que se pode compreender também a ideia de um antissemitismo difuso?

Matizar o conceito de “racismo difuso” para o universo do estudo do antissemitismo traz a ideia de sutileza do apagamento de origens, conceitos e pensamentos que destoem das ideias dominantes na sociedade eurocêntrica e cristã. Numa primeira leitura, sem se focar na busca por origens judaicas nos autores, provavelmente não se notará que o assunto é muito escasso na obra, diferente, por exemplo do cristianismo ao se realizar a leitura em textos dos volumes, por exemplo, de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino. Essa seria a ideia de sutileza.

Além do apagamento judaico, há a invisibilidade feminina dentro da coleção “*Os Pensadores*”. Para Perrot (2007), o silêncio mais profundo seria o do relato. Por exemplo: os primeiros historiadores gregos, romanos e europeus contavam, em sua

maioria, histórias de grandes homens, deixando para as mulheres os papéis secundários ou invisibilizada. Assim como nota-se no mundo erudito, como ocorre em “Os Pensadores”, as mulheres não aparecem, havendo o não-lugar dessas no considerado maior compêndio organizado de filosofia brasileira.

Voltando a Hannah Arendt, outro ponto importante a se colocar é por que não há nenhuma mulher incluída na coleção considerada o maior compêndio filosófico editado e disponível no Brasil? Por qual motivo as mulheres não foram incluídas, sendo que há vários nomes de mulheres importantes para a construção do pensamento filosófico mundial, como Asioteia de Flios (discípula de Platão), Hipátia, Temistocleia, Martha Nussbaum (que inclusive possui origem judaica), Philippa Ruth Foot, Hildegarda de Bingen, Harriet Taylor Mill, Gayatri Chakravorty Spivak, Isabel Simmern do Palatinado?

A obra *Pensadoras em tempos indigentes*, organizada por Lúcio Álvaro Marques e Mila Lopes, traz inclusive nomes de mulheres ilustres como Edith Stein, Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Simone Weil. As filósofas selecionadas possuem reconhecimento para a comunidade acadêmica, possuindo relevantes produções dentro dos campos das Ciências Humanas e Sociais. Como coloca Marques e Lopes (2022, p. 14-15): “as pensadoras reunidas neste volume não são apenas um testemunho, mas uma resistência e um grito frente aos horrores da sociedade machista. Uma sociedade que produziu guerras de todas as formas. Mas que, perpetuamente, por diversos meios, a destruição da mulher (...)”

Destaca-se aqui, que a própria Marilena Chauí, considerada um grande nome na filosofia brasileira e internacional e que auxiliou na produção da coleção “Os Pensadores”, não entrou na referida coleção. E até hoje, mesmo após muitas reedições dessa coletânea, nem sequer uma mulher foi incluída.

Nota-se, portanto, que há pensadores de origem judaica na coleção, porém a identidade dos mesmos não é citada, nem mesmo em preâmbulos. Além disso, com raras exceções, como no caso de Sartre que aborda a questão judaica, a grande parte dos autores fala muito superficialmente sobre os judeus, focando-se mais em temas ligados à história bíblica ou à economia. Ainda, não é posta nenhuma mulher pensadora para poder integrar a coleção “Os Pensadores”. Então, pergunta-se: por qual motivo houve o apagamento da identidade judaica de pensadores e a não inclusão de mulheres naquele compêndio?



## 2 Pensadores de origem judaica

Nesse item, será feita uma análise a respeito dos filósofos de origem judaica. A mesma se dará pela busca dessa presença judaica dentro dos textos selecionados destes que se fazem presentes na coleção “Os Pensadores”, além dos preâmbulos, procurando se realmente há pouca referência ou inexistência essa “judaicidade” nas obras. Os mesmos serão lidos em ordem cronológica.

Primeiramente, há o nome de Baruch Espinoza. Ele foi um filósofo de origem judaico-portuguesa, nascido na região dos Países Baixos, no século XVII, e viveu entre 1632 e 1677. Sua família migrara para o local, fugindo da Inquisição em terras lusitanas. É considerado um dos primeiros pensadores do Iluminismo, além de produzir críticas à Bíblia. Espinoza traz pensamentos maiores sobre a concepção do ser, do universo e até sobre Deus.

É visto por muitos como o primeiro pensador judeu moderno. É tido como primeiro filósofo judaico intelectualmente inovador, desde o caso da filosofia judaica medieval. Desde quando esse aparece como pessoa autônoma em suas biografias, já surge como filósofo. Diferente, por exemplo de Maimônides, filósofo judeu medieval, Espinoza não é judeu praticante. Ainda continuava sendo um filósofo judeu (ANDRADE, 2016). Feldman (2003), o coloca como o verdadeiro “Sócrates revivido”, já questionando dogmas da fé de seus antepassados, causando polêmicas dentro das comunidades judaicas.

Dentro do volume a ele dedicado na Coleção “Os Pensadores”, são colocadas suas seguintes obras: *Correspondência* (sem data - provavelmente entre agosto e setembro de 1661, texto na íntegra), *Pensamentos metafísicos*, *Tratado de correção do intelecto* (de 1677, texto completo), *Ética* (de 1677, texto completo) e *Tratado político* (de 1677, texto completo). Porém, dentro do volume de Baruch Espinoza, há apenas uma citação de rodapé abordando sua possível origem judaica e como nota do tradutor:

8.8 Considerado isoladamente, este período poderia levar a crer que ele justificava a interpretação de V. Brochard, de que Espinoza não se libertou da concepção da tradição judaica de Deus essencialmente pessoal, pois mostraria que no pensamento divino existiria um entendimento que se conhece como tal. (Vide *Le Dieu de Spinoza (O Deus de Espinoza)*, em *Études de Philosophie Ancienne et de Philosophie Moderne*, Paris, 1912, pp. 332-370). A interpretação, porém, não parece fundada, pois este período não pode isolar-se do contexto da *proposição*, que tem por fim



mostrar que, se há intelecto em Deus, o intelecto divino é diverso do intelecto humano, nem do objetivo do *escólio*, que claramente tem por fim estabelecer que repugnam à natureza divina o entendimento e a vontade, tal como são entendidos pelo comum dos homens. (ESPINOZA, 1973, p.104)

Fora essa nota, mais nada é posto claramente em relação à sua origem judaica, havendo uma certa ideia de invisibilidade da condição judaica em Espinoza, deixando de se construir análises sobre possíveis influências do pensamento judaico dentro dos textos colocados no volume de Baruch Espinoza. É importante colocar que Espinoza foi também questionador da dogmática judaica, sendo inclusive expulso e excomungado de sua sinagoga de origem, na comunidade judaica em que vivia, pelo fato de questionar certos aspectos do pensamento judaico ortodoxo. Isso teve grande impacto na construção do pensamento filosófico de Espinoza.

O segundo autor a se considerar é Karl Marx, nascido em Tréveris, na Alemanha, que viveu no século XIX (1818 a 1883). Foi filósofo, economista, historiador, político, teórico, revolucionário, sendo considerado uma das personalidades mais influentes até hoje. Nascido em Tréveris, na antiga Prússia, é oriundo de uma família de origem judaica, sendo o terceiro filho de seus pais (BITTAR; ALMEIDA, 2001).

Dentro da Coleção “Os Pensadores”, o volume dedicado à obra de Marx possui os seguintes textos: *Manuscritos econômico-filosóficos* (de 1844, texto na íntegra), *Teses contra Feuerbach* (de 1844, texto na íntegra), *Para a crítica da economia política* de 1857, texto na íntegra), *Salário, preço e lucro* (de 1865, texto na íntegra), *O rendimento e suas fontes – a economia vulgar* (de 1862/1863, texto na íntegra) e *O 18 Brumário de Luis Bonapart* (de 1869, texto na íntegra). Dentro desses textos, Marx faz poucas menções a judeus. Uma delas ocorre no texto *Para a crítica da economia política*:

A pureza (determinidade abstrata) com que aparecem no mundo antigo os povos comerciantes — fenícios, cartagineses — é dada pela própria predominância dos povos agricultores. O capital, enquanto capital comercial ou capital de dinheiro, aparece precisamente sob esta forma abstrata sempre que o capital não é ainda o elemento dominante das sociedades. Lombardos e **judeus** ocupam a mesma situação diante das sociedades medievais que praticam a agricultura. (MARX, 1973, p. 128, grifo nosso)

Pelo excerto, pode-se observar que os judeus são apenas citados de forma superficial, além de serem comparados aos lombardos, sendo que a dinâmica da história judaica se diferencia desses, pois os judeus, por séculos, mantiveram-se unidos como um povo, muito pelo fato de sua religião, sofrendo, em grande parte devido a sua fé, perseguições por toda Idade Média. Observa-se que a parte religiosa não foi abordada.

Ainda em *O rendimento e suas fontes* (1973, p. 279, grifo nosso), Marx volta novamente a citá-los, ao falar sobre sistema de créditos: “Originalmente, o sistema de crédito é uma *forma polêmica* contra os usurários antiquados [ourives, na Inglaterra; judeus, lombardos, etc.]”. São apenas em trechos como esse que aparece a palavra “judeu” no volume sobre Marx e, de forma semelhante, são sempre comparados aos lombardos, povo germânico originário da Europa Setentrional que colonizou o vale do Danúbio (GAETA; VILLANI, 1986).

Marx possui um texto muito famoso que aborda o tema dos judeus, em *A questão judaica* (1844). Este é um texto curto, não sendo dividido em capítulos, mas sim em parte essencial junto a apêndices para seguir a discussão. Ele inicia respondendo uma crítica à tese de que judeus devem abandonar sua religião em prol de uma emancipação política. Segue na mesma linha de Bruno Bauer (autor dos artigos *A questão judaica*, de 1842, e *Sobre a capacidade de judeus e de cristãos atuais ascenderem à liberdade*), de 1843), entendendo que é melhor examinar e eliminar os fatores reais que colocar as religiões como forma de alienação (PINTO, 2006).

A crítica ao judaísmo feita por Bauer era aceita por Marx, que entendia correto examinar e eliminar os fatores reais que tornavam possível não só uma religião específica, mas a religião em geral como forma de alienação, mas Marx entendia que os judeus podiam se emancipar politicamente para conquistarem direitos humanos, sem precisar abandonar sua religião, pois emancipação política é compatível e pressupõe religião. Para ele, isso também valeria para os cristãos. Para Marx, a conquista dos direitos gerais do homem não vem pelo fato de ele professar uma religião, seja o judaísmo ou o cristianismo. Para ele isso seria um privilégio, não cabendo aos seus adeptos receber ou outorgar direitos do homem (WOLKERMAN, 2004).

Analisando *A questão judaica* de Marx, pode-se observar que é um texto que traz influências do Judaísmo junto ao pensador como, por exemplo, a ideia do pai de Marx converter-se ao protestantismo para ser mais aceito junto à sociedade na qual se incluía. Todavia, esse fato não é posto em seu compêndio. Aliás, nem mesmo nos quatro volumes intitulados *História das grandes ideias do mundo ocidental* e nem no volume *Errata* não aparecem menções a essa origem judaica de Marx, assim como ocorre com Freud e Espinosa.

Em terceiro lugar vem Sigmund Freud, nascido em Freiberg in Mähren, na atual República Tcheca, que viveu entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX (1856 a 1939). É considerado o pai da psicanálise e um dos mais influentes nomes do nosso tempo. Seus escritos são de grande importância sobre psicologia e neurologia, trazendo expressões como projeções, neuroses, repressões e complexo de Édipo. Analisou também as causas da histeria e outros transtornos mentais. Ainda acreditava que libido era a energia motivacional primária da vida humana.

Freud vem de uma família judaica, integrante das comunidades judaicas pertencentes ao antigo Império Austro-Húngaro, atualmente no território da República Tcheca. Após sua formação, atendeu vários integrantes da comunidade judaica. Em 1938, após a anexação da Áustria pela Alemanha nazista, Freud teve que se refugiar na Inglaterra, já com parte de sua família.

Os textos de Freud que integram seu volume dos pensadores são (incluir datação): *Cinco lições de psicanálise*, *A história do movimento psicanalítico* e *Esboço de psicanálise*. Nesses textos há apenas uma pequena referência sobre a possível origem judaica de Freud: no texto *A história do movimento psicanalítico* (1973, p. 74), em uma das notas de rodapé: “5.8. [Presumivelmente, a origem judaica de Freud.]”. É posto a ideia de “presumível” pelo fato de o mesmo colocar a seguinte frase, da qual se refere a nota de rodapé:

Ora, não sou nenhum bairrista; mas essa teoria me parece de um absurdo fora do comum — tão absurda mesmo, que às vezes me sinto inclinado a supor que me acusarem de ser vienense é apenas um substitutivo eufemístico de outra acusação que ninguém ousa fazer abertamente. (FREUD, 1973, p. 74)

Observa-se aí que Freud diz que o acusam de bairrista para não o acusarem diretamente de judeu, expondo assim um antissemitismo ainda vigente. Assim, fazem uso de eufemismo para mascarar um preconceito que seus opositores possuem em relação a sua origem judaica.

Fora isso, não há mais nada remetendo à sua origem judaica. É como se tal parte fosse invisibilizada dentro dos textos selecionados, sendo que essa origem pode ter influenciado os estudos e análises de Freud em relação a seus temas de pesquisa. É importante dizer que, além dos textos inclusos no volume da coleção “Os Pensadores”, Freud foi incansável na reflexão sobre a religião judaica, como pode ser observado na obra *Moisés e o monoteísmo* (de 1939), em que o pensador faz uso de teses antropológicas, anteriormente expostas em seu outro livro *Totem e tabu* (de 1913), para análise de dois problemas: a formação do povo judeu e a natureza da religião judaica e da religião cristã (FREUD, 2018).

Karl Popper, filósofo e professor austro-britânico, nascido em Viena, na Áustria, vivendo entre 1902 e 1994, é outro nome de pensador incluído junto à coleção “Os Pensadores”, que também possui origem judaica. Todavia, a mesma não é sequer citada nesse compêndio filosófico. Karl Popper já é um pensador do século XX, tendo nascido no início desse, no ano de 1902, sendo tido por muitos como um dos maiores filósofos da ciência. Popper vem de uma família judia secularizada. Assim como Freud, ele também sofreu com o nazismo na Europa tendo que emigrar para a Nova Zelândia.

Dentro da Filosofia, talvez o termo que melhor descreve seu pensamento é “racionalismo crítico”, rejeitando o empirismo clássico e o observacionalismo indutivista da ciência. Traz ainda à baila a ideia de que uma teoria científica será sempre conjectural e provisória, pois constatar resultados não significa testar a veracidade do conceito. No volume de Popper na Coleção “Os Pensadores” possui os seguintes textos: *A causalidade na física atual* (1931, texto completo), *Positivismo e realismo* (1932, texto completo), *O fundamento do conhecimento* (1934, texto completo), *Sentido e verificação* (1936, texto completo), *Testabilidade e significado* (1936/1937, texto completo), *Empirismo, semântica e ontologia* (1956, texto completo), *O caráter metodológico dos conceitos teóricos* (1956, texto completo), *Pseudoproblemas na filosofia* (1961, texto completo), *A lógica da investigação científica* (1965, texto completo), *Significado e sinonímia nas linguagens naturais*

(1972, texto completo) e *Três concepções acerca do conhecimento humano* (1972, texto completo).

É interessante notar que neste volume não há nenhum aparecimento das palavras “judeu” e “judaísmo”. Nem mesmo no livro que aborda o prefácio de Popper há menção à origem judaica deste autor (POPPER, 1973). É interessante observar que Popper possui textos influenciados por sua origem judaica e sua perseguição durante o período de regime nazista na Europa. Um caso típico é a ideia do *Paradoxo da tolerância*, presente na obra *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945).

Para ele, tolerância ilimitada pode gerar a extinção da tolerância, se houver excesso de tolerância aos intolerantes, isso porque esses destruiriam os tolerantes e a própria tolerância. Não seria necessário suprir os discursos de filosofias intolerantes, mas sim dar a possibilidade de contrariar essas com argumentos lógicos, mantendo estas filosofias quietas. Se necessário é importante supri-las até por força, caso a argumentação racional não seja eficiente, pois os intolerantes podem tentar calar todos pela força (POPPER, 1971).

Observa-se aí a clara referência a regimes totalitários, pelos quais Popper sofreu inúmeras perseguições, tendo que, inclusive, deixar sua terra natal para sua segurança própria e de sua família. Como coloca Gomes (2021, p. 31):

Em certa medida, a experiência totalitária, em Popper, reflete o impulso recorrente de uma sociedade tensa e dividida que se nota decadente e busca um paraíso perdido pelo fim da experiência tribal, oferecendo sempre uma ideologia ou modelo social a ser alcançado como remédio totalizante e arbitrário mesmo que imbuído das melhores “intenções”, tal qual a utopia republicana de Platão, reconhecido como um herdeiro ateniense dos anseios oligarcas em declínio.

Surge assim a questão que se coloca no ar: por que não haver a inclusão de um texto de Popper, como este que aborda o paradoxo da intolerância, recente para a época, até mesmo pelo fato deste ser de 1971 e a coleção *Os Pensadores* ter sido publicada em 1973? É importante colocar também que a década de 1970 tinha o Brasil numa realidade dos *Anos de Chumbo*, em que o regime político era ditatorial e totalitário. Isso pode também ter influenciado as escolhas dos textos e pensadores a serem incluídos nesse compêndio filosófico brasileiro.

### 3 A exclusão de mulheres na coleção “Os Pensadores”

Vendo que a Coleção “Os Pensadores” possui grandes nomes dispostos ao longo de vários períodos (Antiguidade clássica à Contemporaneidade) por que constatarmos que não há a presença de mulheres nessa coletânea?

Nomes como, por exemplo, Hannah Arendt, contemporânea de Popper, filósofa política de origem alemã (que inclusive teve que emigrar de seu país natal fugindo de perseguições do governo nazista, assim como ocorreu com Popper e Freud), poderia ser muito bem colocado. Todavia, não há menção a nenhuma mulher ao longo dos volumes da coleção, incluindo as edições mais novas. Pontuam Ruedell e Andrioli (2006, p. 1):

No entanto, apesar da discriminação das mulheres no campo filosófico, é possível perceber que, ao longo da história da filosofia, várias mulheres se destacaram como seres humanos que buscaram saber e conhecimento. No século XX há um destaque especial a algumas filósofas importantes. Dentre elas, encontram-se Hannah Arendt, Simone Weil, Edith Stein, Mari Zambrano, Simone de Beauvoir e Rosa Luxemburgo. Estas mulheres, contrariando a ordem patriarcal de seu tempo, foram filósofas importantes e, sem dúvida, contribuíram decisivamente para a construção do conhecimento.

Através da história, a possibilidade de pensar foi muitas vezes colocada como atividade masculina. Porém, houve tentativas de mulheres buscando se colocar na vida acadêmica, apesar de todas as dificuldades e preconceitos. Há até relatos de um “liceu para mulheres”, de autoria de Safo, poetisa grega da ilha de Lesbos. Durante o período do renascimento europeu as mulheres, geralmente, não tinham acesso à educação e, quando tinham, era muito limitado, sendo colocado sob supervisão de homens. O próprio Rousseau, no quinto capítulo de sua obra *Emílio* (de 1762), traz a ideia de conhecimento que retira a possibilidade de mulheres pensarem, devendo aprender coisas que iriam convir à sua condição feminina (TIBURI; MENEZES; EGGERT, 2002).

Muitas vezes, à mulher é colocada a possibilidade de uma mente e um corpo, porém sem a possibilidade de possuir os dois ao mesmo tempo. Assim, ela não pode produzir uma razão pelo fato de possuir a beleza e vice-versa. Platão traz essa dicotomia n’*O Banquete*, em que o amor sensível se submete ao amor intelectual, sendo que o discípulo de Eros amadurece com o tempo, entendendo que a beleza da

alma é mais importante que o corpo. Enquanto Platão é um nome destacado na coleção “Os Pensadores”, todavia Safo sequer é citada nos prefácios do compêndio (MENEZES, 2002).

Descartes traz a ideia de uma essência primeira, vinda antes do corpo, que seria o pensamento. Pensar seria a própria existência corporal, sendo o corpo (substância extensa) somente uma expansão do pensamento, do espírito (que seria a essência pensante). Então, a visão negativa do “ser feminino” compreende deficiências, limitações e inferioridade, sendo ligada à ideia do corpo, beleza perene, fragilidade, sendo isto algo natural para muitos pensadores que foram incluídos na coleção “Os Pensadores” (DESCARTES, 1973).

Observa-se que esses pensamentos sempre se mantiveram presentes ao longo da história da Filosofia, sendo um desafio até à atualidade conseguir incluir a presença de mulheres filósofas e a importância de suas ideias para humanidade ainda é tarefa por vir. Isso ocorre a partir da crença de que a mulher, apesar de ser dotada de razão, não executa seu uso correto, sendo esse direito quase que exclusivo de homens (RUIZ, 2002).

O feminismo auxiliou muito a questionar esse paradigma de discurso filosófico e seus vários pressupostos, possuindo a filosofia uma teoria de ação. Entender a ausência histórica de mulheres na Filosofia, especialmente na Coleção *Os Pensadores*, traz muitas explicações, como o caso de alguns colocarem pouca produção de livros e textos com autoria feminina em comparação à presença masculina. Ainda, há a construção de um ideal feminino inferiorizado ao longo de toda a história, sendo a Filosofia apenas um reflexo do chamado “machismo estrutural” presente em grande parte nas sociedades humanas.

O “belo sexo”, como se caracterizava outrora as mulheres, trouxe um forte preconceito em relação ao conhecimento produzido por mulheres, inclusive nos campos da Filosofia e das Artes. Tal ideia buscou afastar as mulheres do conhecimento. Todavia, apesar das tentativas de silenciamento, as mulheres sempre se fizeram presentes na Filosofia.



## Considerações finais

Tendo em vista o que foi exposto, pode-se observar que a Coleção *Os Pensadores* ainda hoje é o maior compêndio de filosofia já organizado no Brasil. Por iniciativa da Editora Abril, popularizou-se sua venda desde a década de 1970, principalmente através de fascículos em bancas de jornais e livrarias. Reuniuram-se grandes nomes da Filosofia e também de diversos campos de conhecimento, como Economia, Antropologia, Sociologia, História, Artes, Literatura, dentre outros. Essa coleção foi considerada um sucesso de vendas, sendo ainda hoje referência para diversos filósofos, professores e pesquisadores. Atualmente está na 8ª edição, que foi publicada em 2004.

Todavia, faz-se necessário colocar algumas questões que ainda se fazem presentes na obra, a saber: é inegável observar que os autores de origem judaica não possuem esse fato nem mesmo colocado nos prefácios, diferente de pensadores cristãos como, por exemplo, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. A questão é, então, a seguinte: por que não abordar essa face das histórias dos autores, sabendo que essa vivência dos mesmos pode ter influenciado suas ideias e seus escritos? Inclusive, a escolha de textos incluídos e os excluídos também revela a índole da coleção. Com toda a herança do holocausto e do totalitarismo europeu, por que textos como *A questão judaica* de Marx e *Origens do totalitarismo e/ou Eichmann em Jerusalém* de Hannah Arendt sequer são mencionados? Até mesmo em outros pensadores, os judeus muitas vezes são postos apenas em textos ligados à economia ou a textos que trazem ideias e questionamentos sobre a Bíblia. Somente em edição posterior da coleção (2004), o texto de Jean-Paul Sartre, *A questão judaica*, que não era judeu, foi incluída.

De forma equivalente, há o problema da exclusão de nomes de mulheres como “pensadoras”. Considerar incluir nomes de mulheres nessa coleção parece que sequer foi imaginado, mesmo havendo a presença feminina na construção da coletânea. Nomes fortes e de peso para a Filosofia como Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, dentre outros, ficaram de fora dos fascículos, não sendo nem mesmo citados nos quatro livros, intitulados *Histórias das grandes ideias do mundo ocidental* (1972).

Conclui-se, assim, que o apagamento, tanto de pensadores de origem judaica quanto de mulheres pensadoras, em uma das mais importantes coleções de Filosofia produzida no Brasil traz consigo a ideia de uma sociedade com a presença ainda forte de um pensamento patriarcal cristão, pois nem mesmo em edições posteriores à primeira tais fatos foram significativamente desconstruídos. Presente inclusive nos dias atuais, esse apagamento cultural e identitário precisa ser substituído pelo reconhecimento e validação de outras fontes de pesquisa. Nesse âmbito, traremos ao campo acadêmico outras formas de se fazer a História, dando protagonismo a outras culturas que não as eurocêntricas e voz às margens – aqui representadas pelas mulheres.

## Referências

ANDRADE, Fernando Dias. Quão judaico é o Deus de Espinosa? **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n. 35, jul.-dez., 2016.

BITTAR, Eduardo C. B.; ALMEIDA, Guilherme A. de. **Curso de Filosofia do Direito**. São Paulo: Atlas, 2001.

DESCARTES, René. **A história do movimento psicanalítico**. Coleção Os Pensadores. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, Ed.1, 1973.

ESPINOZA, Baruch. **Ética**. Coleção Os Pensadores. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, Ed.1, 1973.

FELDMAN, Seymour. **The end and aftereffects of medieval Jewish philosophy**. In: frank & leaman (orgs.). *The Cambridge companion to Medieval Jewish philosophy*. London: Cambridge University Press, 2003.

FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico**. Coleção Os Pensadores. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, Ed.1, 1973.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos**. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, v. 19, 2018.

GAETA, Franco; VILLANI, Pasquale. **Corso di Storia per le scuole medie superiori**. 11 ed. Milão: Principato Editore, 1986.

GALINKI, Ana Lúcia. Judaísmo e identidade judaica. **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade**, v. 3, n. 4, p. 87-98, 2008. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6040662/mod\\_resource/content/1/identidade%20judaica%20Lucia%20Galinkin.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6040662/mod_resource/content/1/identidade%20judaica%20Lucia%20Galinkin.pdf). Acesso em: 02 de Mai. 2023.

GOMBERG, Felipe. **A aura do livro na era de sua reprodutibilidade técnica**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Comunicação Social. PUCRio, 2006.

GOMBERG, Felipe. **Coleção Os Pensadores**: aura do livro e mercado editorial. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/53457/53457.PDF>. Acesso em: 30 de Mai. de 2023.

GOMES, Juan Pablo Ferreira. O paradoxo da (in) tolerância em Karl Popper e os limites fronteiras do discurso de ódio. **Revista Brasileira de Filosofia do Direito**, Encontro Virtual, v. 7, n. 2, p. 18-34, Jul/Dez. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/Icaro/Downloads/8159-24039-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Icaro/Downloads/8159-24039-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 30 de Mai. 2023.

GRINBERG, Keila. **Os judeus no Brasil** - inquisição, imigração e identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, T.T. (Org) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp103133.

MARQUES, Lúcio Álvaro; LOPES, Mila. **Pensadoras em tempos indigentes**. Série Investigação Filosófica. Pelotas: Editora UFPel, 2022.

MARX, Karl. **O rendimento e suas fontes**. Coleção Os Pensadores. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, Ed.1, 1973.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Coleção Os Pensadores. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, Ed.1, 1973.

MENEZES, Magali Mendes de. **Da academia da razão à academia do corpo**. In TIBURI, Márcia./MENEZES, Magali M. de./EGGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

MEZAN, Renato. *Psicanálise e judaísmo: ressonâncias*. Campinas: Escuta, 1987.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOVINSKY, Anita Waingort et al. *Os judeus que construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007

PINTO, Márcio Morena. “A Questão Judaica” e a crítica de Marx à ideologia dos direitos do homem e do cidadão. **Controvérsia**, v. 2, n. 1, p. 10-16, jan.-jun., 2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/7087/3923>. Acesso em: 08 de Mai. 2023.

POPPER, Karl. “**The Open Society and Its Enemies**”, vol. 1, “The Spell of Plato” e vol. II – The High Tide of prophecy: Hegel, Marx, and the Aftermath” (1945), Routledge, United Kingdom, Princeton University Press, 1971.

POPPER, Karl. **Coleção Os Pensadores**. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, Ed.1, 1973.

RATTNER, Herique. **Tradição e mudança**: a comunidade judaica de São Paulo. São Paulo: Ática, 1977.

RUEDELL, Aloisio; ANDRIOLI, Lília Ângela. **O corpo e a mulher na história da filosofia**: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. XIV Seminário de Iniciação Científica. XI Jornada de Pesquisa, VII Jornada de Extensão UNIJUÍ, 2006.

RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. **Os desencontros e paradoxos de logos e Sofia**: um conflito anthro-po-lógico ou gineo-simbólico? In TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali M. de.; EGGERT, Edla. (Orgs.) **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Sartre e a questão do preconceito. **Imaginário**, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 365-381, dez. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413666X2005000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413666X2005000200016&lng=pt&nrm=iso). acessos em 30 de Mai. 2023.

TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali M. de; EGGERT, Edla. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

VOLTAIRE. **Cartas Inglesas**. Coleção Os pensadores, vol. XXIII. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 54.

WOLKMER, Antônio Carlos. Marx, a questão judaica e os direitos humanos. **Revista Sequência**, v. 25, n. 48, p. 11-28, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4818558.pdf>. Acesso em: 08 de Mai. 2023.

*Recebido em: 02/05/2023.  
Aprovado em: 06/06/2023.  
Publicado em: 12/10/2023.*